

TRANSMISSÕES CULTURAIS

FRANCISCO SOARES *

O tema que nos propomos abordar é o das transmissões culturais. Ou seja: desejamos pensar sobre o porquê de como se transmite uma cultura. Alguns acharão decerto rebuscado e crimosamente filosófico tal tema dessa forma definido. De facto não nos parece rebuscado, mas temos que reconhecer que não vamos fazer qualquer espécie de trabalho técnico-científico. Procuramos aqui, não somente estabelecer grelhas para aplicar em qualquer pesquisa de qualquer sociedade, mas principalmente pensar, tendo como ponto de partida o tema que nos propusémos.

Queremos estudar, portanto, a transmissão de culturas através das gerações, a qual constitui por si própria, e consolida prolongando-as, as tradições, visto que tradição é aquilo que se traz e, logo, nos é transmitido.

Desde já, poderíamos apontar várias tipologias para processos de transmissão cultural.

Podemos apartar os processos extrínsecos dos intrínsecos. Quer dizer que distinguimos entre processos transmissivos importados de outra cultura que não a que se vai transmitir, e processos transmissivos produzidos a partir da cultura que se transmite. Quando, por exemplo, ensinamos culturas orais africanas, costumamos fazê-lo por meios pedagógicos que não são próprios dessas culturas, mas de formas culturais de raiz europeia. Se procurarmos adoptar no ensino de, por exemplo, literatura oral africana, uma pedagogia que ressalte como própria da transmissão de conhecimentos e símbolos na sociedade produtora dessa literatura, estaremos a preferir um processo intrínseco de transmissão cultural.

Outra dicotomia que nos parece válida faz a distinção entre processos transmissivos orais e não orais. Em Portugal encontramos ainda muitos casos de transmissão oral: são romances que se contam à beira do fogo; histórias de pessoas familiares que se dizem nas reuniões de amigos como exemplo do que devemos aceitar e do que devemos rejeitar; as quadras populares e as méshas; conselhos e provérbios ensinados em circunstâncias apropriadas; e são também as aulas que não se resumem a leitura de manuais, a conferência na qual estamos inseridos, os espectáculos musicais, etc..

Ao nível de transmissões não orais temos como caso paradigmático o dos processos transmissivos escritos: livros, manuais, etc..

Podemos igualmente considerar a diferença entre uma transmissão ordenada e uma

* Docente da Universidade de Évora

transmissão fluída, circunstancial, dos conhecimentos e da cultura. No caso do ensino deparamos, em princípio, com uma transmissão ordenada; no caso dos espectáculos musicais a cultura transmite-se fluidamente (não são programados, por exemplo, no mês de Janeiro, todos os espectáculos musicais, a sua sequência, local, etc.. A cultura musical é assim transmitida irregularmente). Também na transmissão da sabedoria popular condensada sobretudo nas quadras e nos provérbios, a passagem do testemunho se faz ao sabor da circunstância, aproveitando-a.

Dentro dos processos ordenados, encontramos ainda ordenações racionais e ordenações transracionais. Para as ordenações racionais podemos apontar, de novo e de novo em princípio, o ensino. Dentro das ordenações transracionais está o caso das ordenações rituais.

A transmissão cultural pode ser também realizada pessoalmente ou colectivamente. No caso dos espectáculos musicais e dos manuais encontramos exemplos de transmissão colectiva, como no caso desta conferência. Mas numa relação do género Mestre/Discípulo, como sucede nas irmandades iniciáticas, encontramos exemplos de transmissão pessoal.

Há finalmente processos que não podem ser concebidos nem se devem realizar sem serem vistos e vividos como investidos pelo sagrado ou de algo secreto. Noutros casos, como no do ensino, temos processos totalmente profânos de transmissão cultural.

II

Os diversos tipos de transmissão cultural estão certamente numa relação profunda com a mentalidade que os produz (e com a mentalidade que os estuda). É claro que nos poderão dizer que num meio no qual não se conheça a escrita, seja qual for a mentalidade, não podem surgir processos escritos de transmissão cultural. Mas a discussão desse tipo de argumentos levar-nos-ia para questões do género "O ovo ou a galinha, quem veio primeiro?". Porque podemos afirmar também que o aparecimento da escrita se deve a uma mentalidade cultural que precisava dela e podia criá-la.

De qualquer maneira, parece-nos inegável que os tipos de processos transmissivos resultam certamente, pelo menos, da cultura de quem os tipifica e da cultura que os produziu. Uma religião fortemente institucionalizada, por exemplo, centrará a transmissão das suas tradições em processos ordenados ritualmente; pelo contrário, uma religião dinâmica (na acepção bergsoniana do termo) centrará os seus processos de propagação numa relação fluída entre um Mestre e um Discípulo.

Se tal for, segundo cremos, verdade, parece-nos indispensável e conveniente primeiro definirmos uma tipologia cultural e procurarmos depois os processos transmissivos correspondentes a cada modo considerado.

No campo das tipologias culturais, encontramos um vastíssimo quadro de classificações e de géneros de culturas, muitas discussões estéreis acerca dos termos usados e

quase que uma tipologia e um critério próprios para cada pensador. É claro que não vamos entrar nesse labirinto - mais que não seja porque podemos não sair de lá.

Parece-nos que, para clarificar abreviadamente o problema, há dois tipos básicos de classificação de culturas: os que privilegiam o factor diacrónico e os que não o fazem. Quanto ao primeiro tipo, constitui-se de classificações que resultam geralmente de um pensamento dialéctico aplicado à história. Nessa espécie de pensamento evolutivo-dialéctico, a humanidade caminha direitinha e sem qualquer alternativa para determinados estágios vistos em geral como superiores. Nós não perfilhamos essa visão historicista; os homens transformam-se pára melhor ou para pior e nenhum caminho lhes foi definitivamente marcado ou vedado. É essa a medida da liberdade humana. Optamos, portanto, por outro género de tipologia cultural. E parece-nos vantajoso procurarmos alguma que defina de tal maneira esses tipos que nós possamos encontrar vários numa só civilização e simultâneamente - quer haja ou não predominância de um deles. Recusamos, pois, uma perspectiva historicista, preferindo classificações, por assim dizer, sincrónicas.

Definiremos, então, basicamente, três tipos de cultura.

O tipo formativo, no dizer de Isidro Palácios (*), "dava prevalência ao perfil de carácter, residindo nele (nessa cultura) todos os princípios e valores que não são passíveis de se encontrar através de qualquer género de ensino universitário". Tratava-se, pois, para Palácios, da "cultura do estilo, da sabedoria e do gesto". Forma cultural aristocrática, introduzia "em todos os aspectos da vida(...) um sentido de ascese interior".

No tipo "racionalista" predominam preocupações de carácter técnico e metodológico, de acumulação de conhecimentos (e daí a tendência desta forma cultural para a especialização), a especulação e o estudo individuais. É um modo cultural anti-mítico, ao contrário do anterior e do seguinte, que no entanto se governa por mitos e tabús que parece desconhecer, como por exemplo o mito do espelho ou da folha em branco. Esta forma cultural, porém, parece-nos própria para o desenvolvimento das pesquisas nas ciências descritivas, como a Biologia.

Finalmente, num terceiro tipo, que poderíamos denominar "imediatista", privilegia-se o espectáculo, a diversão colectivista, o irracional e o imaginário. Não há qualquer preocupação de perfeição interior ou de aperfeiçoamento de uma razão judicativa - trata-se de uma forma cultural principalmente sensitiva, anti-mecanicista, vivendo em função do imediato.

Isidro Palácios, ao falar nestas três formas de cultura, radica-se em cada uma das três idades culturais da Europa neo-latina: à Idade Média corresponderia a cultura aristocrática; à Idade Clássica, principalmente na época iluminista, corresponderia a cultura racionalista; e à Idade Romântica, Moderna ou Contemporânea, corresponderia a cultura imediatista, que estaria agora no auge do seu predomínio.

Essa perspectiva de Palácios resulta do seu historicismo, talvez inconsciente, e remeter-nos-ia para uma noção circular da História, visto que essas fases, tal como ele as definiu, poderiam também ser encontradas na Antiguidade (casos de Grécia e de Roma, por exemplo). Por outro lado, em civilizações como a Japonesa, podemos encontrar o modo formativo (no código dos Samurais) e o modo racionalista (nalgumas extensões do Budis-

* na revista Punto Y Coma. Madrid. Fev. de 1984

mo) - e tais tradições viveram séculos lado a lado.

Nos nossos dias encontramos igualmente essas três formas culturais e, se não nos deixarmos levar pela ditadura do número, nenhuma delas adquire predominância sobre as outras na nossa década. Veremos, ao referirmos os processos de transmissão preferidos por cada um desses tipos culturais, como, contrariamente ao que diz Palácios condicionado pelo seu historicismo, a cultura formativa, aristocrática, não se encontra em vias de extinção - nem a cultura racionalista se encontra ameaçada no seu domínio pela cultura imediatista. No fundo, o que está subjacente na visão do espanhol é uma junção dos conceitos de classe e de dialéctica histórica: a cada cultura faz ele corresponder uma classe e um tempo: Idade Média e Nobreza; Classicismo e Burguesia; Contemporaneidade e Povo - numa perspectiva pouco original. E relaciona mais as classes do que as culturas.

Se repararmos atentamente nos processos de transmissão cultural hoje praticados, observamos que a visão de Palácios tem muito menos fundamento do que ele supôs.

Ao modo formativo, aristocrático, corresponde uma transmissão pessoal, na qual se estabelece uma relação do tipo Mestre/Discípulo. Tal processo, apelando principalmente à nossa intimidade, não é massificável, ao contrário dos outros dois. É também um processo oral, ainda que dele colaborem ou possam colaborar obras escritas. A transmissão é investida de algo, não diremos misterioso, mas indizível. Não se transmitem propriamente conhecimentos, provoca-se uma relação entre um sujeito e um objecto de aprendizagem, como veremos a seguir. Nas Universidades algo subsiste, com mais força do que se pensa, dessa forma de transmissão cultural, principalmente na relação do orientador com o doutorando ou com o mestrando. Mantém-se também este processo nas tertúlias, tendo sido e continuando a ser fundamental na propagação e criação de "escolas" poéticas e filosóficas, como se viu pela formação do chamado movimento da filosofia portuguesa.

Quanto ao segundo modo cultural, o racionalista, ele propaga-se principalmente através das letras, quer dizer: da imprensa, dos livros, etc.. Pela criação de métodos pretensamente universais e imutáveis, esta forma cultural prefere uma transmissão do tipo colectivo, massificado, penetrando facilmente no ensino por essa mesma razão colectivizado. Recorre, pois, a processos ordenados racionalmente, predominantemente não orais (as aulas podem resumir-se, nesse tipo de ensino, a leituras de fichas).

Quanto ao terceiro modo ele propaga-se com facilidade através dos próprios actos que o instituem, servindo como exemplo paradigmático desses actos o espectáculo (musical, televisivo, cinematográfico, etc.) onde o intérprete (aquele que aparece) se torna mais importante para o receptor do que os criadores do espectáculo.

III

Mas a transmissão dessa forma feita supõe que se realize uma aprendizagem que difere de cada um para os outros modos culturais. O critério de verdade, aquele segundo o qual achamos verdadeiro determinado enunciado, vai variar, pois, de uma para outra forma cultural.

Começando pelo fim, o terceiro modo cultural parece basear-se num critério de verdade radicalmente deferente dos outros dois. As coisas hão-de ser verdadeiras na medida em que os sintomas - e isso implica ser o acesso à verdade condicionado pelo senso comum, instituído pelas vivências colectivas ou passíveis de se massificarem.

No segundo modo cultural, o critério de verdade é pretensamente exterior ao sujeito e ao objecto de conhecimento, não sendo, portanto, subjectivo. Poderemos, nesta forma de cultura, encontrar dois grupos: para uns é o mundo que se pensa a si próprio através do homem; para outros é o homem que se pensa a si próprio através do mundo. Qualquer dos dois radicalmente separa objecto e sujeito de conhecimento, ao contrário do que se passa na cultura imediatista, em que aquilo que há para conhecer e aquele que conhece são a mesma coisa: emoção, principalmente.

Nesta separação radical estabelecida pela cultura racionalista fica sempre de um lado a ordem e do outro o caos, o espelho ou a folha em branco: ou o mundo serve de reflexo para o mundo. Qualquer deles é potencialmente um espelho fiel, sendo por isso possível estabelecer com rigor e definitivamente a verdade. Por esta razão, por se pensar que a verdade pode ser abordada com rigor e para sempre, é que tal cultura se desenvolve preferencialmente através da elaboração de manuais, técnicas e métodos universais (um caso típico, bem conhecido, é o do positivismo). Falta-lhes explicar, aos racionalistas, a ontologia do erro...

No terceiro modo cultural, pelo contrário, sujeito e objecto de conhecimento, embora diferentes, estão juntos num processo de aprendizagem mútua, no qual se vão recriando reciprocamente. Nesse modo cultural, a sabedoria é pessoal e intransmissível: na verdade, ela só se transmite etimologicamente falando. A sabedoria que o discípulo transmitirá futuramente ao seu discípulo já não é a do mestre, pois o critério de verdade, aqui, é o da participação na verdade. A sabedoria fica dessa forma como algo sempre, paradoxalmente, complexo e em aberto. O discípulo conhece na medida em que recria a verdade, ou a mentira.

Podemos ver essas concepções explicitadas em Leonardo Coimbra, no criacionismo. De facto, sujeito e objecto de conhecimento, sendo diferentes, também são inseparáveis, e só se torna possível conhecermos algo pelo que tenhamos de comum com esse algo e não por nos diferenciarmos dele. É o que temos de comum um com o outro que nos indicia o ser e explica o estar desse outro.

Esta parece-nos a melhor atitude para ser adoptada nos estudos humanísticos. Ela implica também uma pedagogia e uma didáctica próprias, que modificariam totalmente a relação do professor e do aluno, como a relação entre o conferencista e aqueles que acabam de o ouvir. Desta pedagogia, e para sermos coerentes, falaremos todos - caso queiram fazê-lo.



ELECTRODOMÉSTICOS
TV-VIDEO-AUDIO
VIDEO CLUBE
ASSISTÊNCIA TÉCNICA

RUA DE MÉRTOLA, 69 - 7 800 BEJA - PORTUGAL
tel. 22045

A RESPOSTA EFICAZ DE CADA DIA!



LIVRARIA
WINHO

Ferreira & Salgado, Lda

Especializado em:

Linguística, História, Pedagogia, Psicologia
Didáctica, Filosofia, Físico-químicas, Biologia
Matemática, Economia, Informática, etc.
Livros Nacionais e Estrangeiros.

Largo da Senhora-a-Branca, 66 — Telef. 71152

4700 BRAGA